

leis do desenvolvimento

histórica — por Gabriel Coutinho

Qual é o papel do meio geográfico no desenvolvimento histórico? Não será o ambiente geográfico, a força principal que determina a fisionomia da sociedade, o carácter do regime histórico dos homens, a passagem dum regime para outro?

Não. O meio geográfico é incontestavelmente uma das condições permanentes e necessárias do desenvolvimento da sociedade, e é evidente que influe nesse desenvolvimento, acelerando-o ou retardando-o.

Mas esta influência não é determinante, visto que as modificações e o desenvolvimento da sociedade se efectuam incomparavelmente mais depressa que as modificações e o desenvolvimento do meio geográfico. Em 3 mil anos sucederam-se na Europa 3 regimes sociais diferentes: a comunidade primitiva, a sociedade escravagista e o regime feudal.

Ora, no mesmo período, as condições geográficas da Europa, ou nada mudaram, ou mudaram tão pouco que os geógrafos nem se referem a isso. O que é perfeitamente explicável. Para que se produzam alterações, mesmo pouco importantes, no meio geográfico, são precisos milhões de anos, enquanto que bastam algumas centenas de anos para se alterar, e até de maneira muito importante, o regime da vida em sociedade.

Por isso o meio geográfico não pode ser a causa principal, a causa determinante do desenvolvimento histórico. O que se tem mantido quase imutável durante dezenas de milhares de anos, não pode ser a causa principal do desenvolvimento do que está sujeito a mudanças radicais no espaço de alguns anos.

Uma lei científica só pode ser atingida quando enuncia uma relação constante entre os fenómenos. Qual a causa constante do desenvolvimento da sociedade? Já vimos que o ambiente geográfico não pode ser. Vejamos o crescimento e a densidade da população.

Os homens são um elemento indispensável das condições da vida material da sociedade, e sem um mínimo de seres humanos não poderia haver nenhuma vida material da sociedade.

Será pois o crescimento da população, a força principal que determina o carácter do regime da sociedade? Não. Se o crescimento da população exerce uma influência no desenvolvimento histórico, facilitando-o ou entorpecendo-o, não poderá ser considerado como a força principal do desenvolvimento histórico.

A influência que exerce sobre este não é determinante porque o crescimento da população, por si só, não responde a este problema: Porque é que a tal regime social sucede precisamente tal regime social novo e não outro? Porque é que a comunidade primitiva se sucede precisamente a sociedade escravagista? A esta o regime feudal, e não qualquer outro regime?

Se o crescimento da população fôsse a força determinante do desenvolvimento social, uma maior densidade de população devia engendrar necessariamente um tipo de regime histórico superior. Mas na realidade não se dá isso.

A densidade da população na China é quatro vezes mais elevada que nos Estados Unidos; no entanto, os Estados Unidos estão num nível mais elevado que a China no ponto de vista do desenvolvimento histórico: na China domina ainda um regime semi-feudal enquanto que os Estados Unidos já há muito atingiram o estágio superior do desenvolvimento imperialista.

Quere dizer: o crescimento da população não é nem poderia ser a força principal do desenvolvimento da sociedade, a força que determina o carácter do regime da sociedade, a fisionomia da época.

Mas então, qual é, no sistema das condições da vida material da sociedade, a força principal que determina a fisionomia da sociedade, o carácter do regime social, o desenvolvimento da sociedade dum regime para outro?

Essa força é o modo de aquisição dos meios de existência necessários à vida dos homens, o modo de produção dos bens materiais: alimentos, vestuários, calçado, habitação, combustível, instrumentos de produção, etc., necessários para que a sociedade possa viver e desenvolver-se.

Para viver é preciso terem-se alimentos, vestuários, calçado, habitação, combustível, etc.; para se adquirirem estes bens materiais é preciso produzi-los, e para os produzir, é preciso ter os instrumentos de produção por meio dos quais os

homens produzem os alimentos, os vestuários, o calçado, a habitação, o combustível, etc.; é preciso saber produzir estes instrumentos e saber servir-se deles.

Os instrumentos de produção por meio dos quais os bens materiais são produzidos, os homens que manejam esses instrumentos de produção e produzem os bens materiais graças a uma certa experiência da produção e a hábitos de trabalho, eis os elementos que, tomados em conjunto, constituem as forças produtivas da sociedade.

Mas as forças produtivas não são senão um aspecto da produção, um aspecto do modo de produção, aquele que exprime o comportamento dos homens ante os objectos e as forças da natureza de que eles se servem para produzir os bens materiais.

O outro aspecto da produção, o outro aspecto do modo de produção, é constituído pelas relações dos homens entre si no processo da produção, pelas relações de produção entre os homens.

Na sua luta com a natureza—que eles exploram para produzirem os bens materiais—os homens não estão isolados uns dos outros, não são indivíduos desligados uns dos outros; pelo contrário, produzem em comum, por grupos, por associações.

E' por isso que a produção é sempre, sejam quais forem as condições, uma produção social. Na produção dos bens materiais, os homens estabelecem entre si tais ou tais relações no interior da produção, estabelecem tais ou tais relações de produção.

E estas podem ser relações de colaboração e auxílio mútuo donde a exploração esteja ausente; podem ser relações de domínio e de subserviência; podem ser, enfim, relações de transição duma forma de relações de produção para outra.

Seja qual fôr o carácter que as relações de produção revistam, elas são em todos os tipos de regimes, um elemento indispensável da produção, a par das forças produtivas.

Na produção, os homens não actuam só sobre a natureza mas também uns sobre os outros. Não produzem senão colaborando duma maneira determinada e trocando entre si as suas actividades. Para produzirem, entram em relações determinadas uns com os outros e não é senão dentro dos limites destas relações e destas influências mútuas que se estabelece a sua acção sobre a natureza e se faz a produção.

Filósofos

Há tempos o sr. Júlio Dantas chamava a Jules Romains o «filósofo do unanimismo». Esta coisa admirável de considerar a literatura como filosofia parece que não deixa de encontrar eco em certos meios onde a própria literatura é... «literatura».

Um crítico literário, cujos artigos no *Diário de Lisboa* rivalizam durante muito tempo com os «fundos» do sr. Dantas, acaba de publicar, numa revista, uns *Diálogos inúteis* onde se põe o problema da felicidade.

Trava-se a questão entre dois contendores, um dos quais afirma que o dinheiro é fundamental para a obtenção da felicidade e o outro que a felicidade não depende do dinheiro, pois que ela é um factor moral enquanto que este é um factor material.

O primeiro contendor representa o materialista; será por consequência (é já costume) o pensador infantil, ilógico, a quem o outro do diálogo,—estende a mão paternalmente, explica as coisas («obre os olhos») com uma benevolência em tudo digna dos grandes espíritos, dos espíritos que pairam alto sobre este vale de lágrimas...

A argumentação do sr. Gaspar Simões é arrazante, luminosa. O outro embora se, gagueja; a dialéctica do idealista é tão elevada, tão coerente, tão cerrada, que o pobre do materialista, confundido, perdido, titubeia uma grande frase:—«Passos a vida a jogar com palavras». Mas o sr. Simões é implacável, mesmo cruel, quando se trata de coisas do Espírito.

Então em questões de palavras o caso é ainda muito mais grave. Ai é que não há transigências, ai é que é «escachá-los!» «Qual... Passo a vida a pôr as palavras no seu lugar». E a argumentação continua, a máquina lógica dilacera e tritura uma a uma as afirmações balbucadas do adversário. «E's um sofista», lança ele congestionado. «Não sou tal: sou um lógico», fulmina impiedoso o sr. Simões.

O ex-crítico do *Diário de Lisboa* é pois «um lógico». «Quando tu afirmas—diz ele ao outro—que o homem não pode ser feliz sem dinheiro pões o dinheiro como pedra angular da felicidade. E' como se dissesse: uma casa não se pode construir sem alicerces. Mas se dizes depois que o dinheiro não basta para o homem

Torna-se, pois, necessário concluir, que a produção, o modo de produção, engloba tanto as forças produtivas como as relações de produção entre os homens, e é assim a incarnação da sua união no processo de produção dos bens materiais.

Uma das particularidades da produção, é que nunca ela pára num ponto dado durante um longo período. Está sempre a mudar e a desenvolver-se. Além disso, a mutação do modo de produção provoca inevitavelmente a mutação de toda a época histórica, das ideias das relações entre os homens, das opiniões, das instituições.

A mutação do modo de produção provoca a refundição de toda uma época. Nos diferentes escalões do seu desenvolvimento, os homens servem-se de diferentes meios de produção ou, mais simplesmente: os homens levam um género de vida diferente.

Na comunidade primitiva existe um modo de produção; na sociedade escravagista, existe outro; no feudalismo, um terceiro, e assim sucessivamente. O regime de vida dos homens, a sua actividade espiritual, as suas opiniões, as suas instituições, diferem segundo aqueles modos de produção.

A sociedade, com as suas ideias e teorias, as suas opiniões e instituições, corresponde ao modo de produção.

Quere dizer: a história do desenvolvimento da sociedade é, antes de tudo, a história do desenvolvimento da produção, a história dos modos de produção que se sucedem através dos séculos, a história do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção entre os homens.

A história do desenvolvimento da sociedade é, pois, ao mesmo tempo, a história dos produtores dos bens materiais, os quais representam as forças fundamentais do processo da produção.

Por isso, se a ciência histórica quizer ser uma ciência verdadeira, não pode reduzir-se aos feitos de «nomes» afinal circunstanciais. Em vez de história de «nomes» deve ser história de povos.

E a chave que permite abrir a porta das leis históricas, deve ser procurada não no cérebro dos homens, não nas opiniões e nas ideias da sociedade, mas no modo de produção praticado por cada época histórica.

Por isso, a tarefa primordial da ciência histórica é o

de Meia Tigela

ser feliz, pois há coisas que o dinheiro não paga, haja dinheiro ou não, afirmas claramente que o dinheiro nada tem com a felicidade do homem».

Por outras palavras: afirmar que um factor (o dinheiro) é básico para explicar um fenómeno (a felicidade) embora ele, por si só, não chegue para o explicar, é «claramente» afirmar que o factor nada tem com o fenómeno. O sr. Gaspar Simões é de facto um grande lógico, e as palavras que queriam ir para o seu lugar encontraram finalmente arrumação definitiva. Bem haja o sr. Gaspar Simões. Se eu por exemplo afirmar que um cilindro, que estava parado no cimo duma ladeira, se despenhou, rolando, por esta abaxo, em virtude dum empurrão que eu lhe dei, o sr. Simões, que é «um lógico», dirá que o empurrão «nada tem» com o facto do cilindro ter vindo parar ao fundo da ladeira, pois que isso não aconteceria se não existisse o declive (o empurrão não faria ir o cilindro do fundo para o cimo da ladeira),—o empurrão—dirá o sr. Gaspar Simões, precisamente porque é «um lógico»—«nada tem» com o movimento do cilindro porque «nada basta» para o explicar.

O cilindro, por sua vez, não viria parar ao fundo da ladeira se eu o não tivesse posto em movimento; portanto também o declive «nada tem»—dirá o sr. Gaspar lógico Simões,—com o movimento do cilindro, pois «não basta» para o explicar. «E's um sofista», declara perturbado o outro interlocutor. «Não sou tal: sou um lógico», fulmina «horrendo, fero, ingente e temeroso» o sr. Simões.

A conversa começara desta maneira. O «filósofo» encontrou, possivelmente na rua, um amigo materialão, um «bruto», ao qual foi perguntar—oh, a malícia dos «filósofos»!—o que ele pensava da felicidade. O outro, o pobre do outro, não pensava mesmo nada. Demais: Não é verdade que nem todos pensam nos problemas elevados?... Nem disso vem grande mal; na sua sabedoria omnipotente, mesmo sem famosos consultores jurídicos, a divina providência a tudo deu remédio: para as coisas elevadas se criaram as elevadas pessoas. Mas esta gente da rua tem os seus quês; olha os que tomam a vida mais a sério, com menos levandade, como uns sujeitos maníacos, telhudos, que passam o tempo a complicar o que é simples. O que é a felicidade?

estudo e a descoberta das leis da produção, das leis do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção.

Uma segunda particularidade da produção, é que as suas mutações e o seu desenvolvimento começam sempre pela mutação e pelo desenvolvimento das forças produtivas e, antes de tudo, dos instrumentos de produção. As forças produtivas são, pois, o elemento mais móvel e mais transformador da produção. Primeiro modificam-se e desenvolvem-se as forças produtivas da sociedade; a seguir, em função e em conformidade com estas modificações, modificam-se as relações de produção entre os homens.

Isto não significa que as relações de produção deixem de influir no desenvolvimento das forças produtivas, e que estas últimas não dependam das primeiras. As relações de produção, cujo desenvolvimento depende do das forças produtivas, actuam por seu turno sobre o desenvolvimento das forças produtivas, acelerando-as ou retardando-as.

Além disso, importa notar que as relações de produção não conseguiriam durante muito tempo retardar-se em relação ao crescimento das forças produtivas e encontrar-se em contradição com esse crescimento, porque as forças produtivas não podem desenvolver-se plenamente senão no caso de as relações de produção corresponderem ao carácter, ao estado das forças produtivas, dando-lhes curso ao desenvolvimento destas últimas.

Portanto, seja qual fôr o retardamento das relações de produção em relação ao desenvolvimento das forças produtivas, elas devem, mais tarde ou mais cedo, acabar por corresponder—e é o que se dá efectivamente—ao nível do desenvolvimento das forças produtivas, ao carácter dessas forças produtivas.

Na hipótese contrária, a unidade das forças produtivas e das relações de produção no sistema da produção, será comprometida a fundo, e dar-se-á uma ruptura no conjunto da produção, uma crise da produção, a destruição das forças produtivas.

Resumindo: as forças produtivas não são apenas o elemento mais móvel e mais transformador da produção. São também o elemento determinante do desenvolvimento da produção.

de? Mas eu tenho mais em que pensar! responde o homem da rua. Coitado! como ele é ingénuo e suficiente, pensa para consigo (ou não fôra ele «um lógico») o sr. Simões. Mas logo uma vontade forte o toma e o sr. Simões do *Diário de Lisboa*, subtil, maleável como a serpente em volta da presa, tal qual Sócrates (não é verdade?), resolve castigar o outro obrigando-o a raciocinar... E' assim mesmo que procedem os pensadores que andam pelas ruas a despertar o amor pela verdade nas consciências embotadas dos seus concidadãos.

«Mas se dizes depois que o dinheiro não basta para o homem ser feliz, pois há coisas que o dinheiro não paga, haja dinheiro ou não, afirmas claramente que o dinheiro nada tem com a felicidade do homem».

«Não afirmo tal. Mantenho, continua o outro com impertinência, que o dinheiro é fundamental, embora não seja tudo».

«Se não é tudo, não é fundamental», replica, tremendo como o gigante Adamastor, o sr. Simões. Diz-se por aí—terríveis boateiros!—que as pernas são fundamentais para o homem andar. Mas qual pernas, qual ca-

rapuça! As pernas não são tudo, logo não são fundamentais. As pernas não «bastam», logo «claramente» «nada tem» com o andar. Por tudo isto é que o sr. Gaspar Simões é «um lógico», é por isto que ele é mesmo um lógico grande...

Mas o sr. Simões além de um lógico grande, é ainda um lógico terrível. «Confundes lamentavelmente—diz ele ao desgraçado materialista—espírito e matéria. A importância que o dinheiro tem na felicidade do homem é idêntica à importância que nela tem a existência material do próprio homem. Se o homem não existisse, não se punha sequer o problema da felicidade. Se o dinheiro não existisse, não se punha sequer o problema do homem. Nas sociedades modernas o dinheiro é sangue do próprio homem. E', portanto, um elemento material. Nada tem com a felicidade, que é um factor espiritual. O erro da humanidade presente quando se lhe põe o problema da felicidade é sempre o mesmo: confunde o espírito com a matéria. A felicidade é um factor moral, não uma exigência da carne».

(Continua na página catorze)